



AS PRÁTICAS REALIZADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS USOS NO TEMPO LIVRE

Gisela Maria Brustolin
Silvia Cristina Franco Amaral
Elaine Prodócimo

RESUMO

Investigamos as relações entre as práticas corporais vivenciadas nas aulas de Educação Física por adolescentes da Escola Estadual Professor Francisco Alvarez com as práticas realizadas no tempo livre por seus alunos de uma turma de sexta série, moradores da Vila Holândia na Cidade de Campinas (SP). Foram realizadas observações das aulas de Educação Física, com o registro das atividades propostas pelo professor, e uma entrevista em grupo com os adolescentes moradores da Vila Holândia. Nas observações das aulas o conteúdo abordado foi o vôlei e as práticas das aulas de Educação Física citadas na entrevista foram principalmente pular corda, “base quatro”, as vivenciadas em gincanas e o vôlei, que disseram já praticar antes de tê-lo vivenciado nas aulas.

PALAVRAS-CHAVE: lazer; tempo livre; práticas corporais; escola.

INTRODUÇÃO

Ao investigar os usos do tempo livre na Vila Holândia, Campinas, São Paulo, sentimos a necessidade de nos aproximar da escola nela localizada e das aulas de Educação Física lá ministradas, por considerarmos que estas tem papel importante na formação para o tempo livre de crianças e adolescentes.

[...] na atual forma de organização dos saberes e práticas escolares, são a Educação Física e a Educação Artística aquelas que possuem uma relação mais direta com o lazer, que educam para ele também com práticas, ou seja, transmitindo práticas a serem vivenciadas como lazer – com maior engajamento corporal ou a partir de linguagens que não apenas a conceitual, como no caso da literatura. De fato, na Educação Física as crianças aprendem a jogar. E aprender a jogar é importante, principalmente se considerarmos que existem muitas formas de jogos, muitos “modos de jogar”. (BRACHT, 2003, p. 163- 164).

Apesar de serem consideradas as aulas de Educação Física e Educação Artística como as que possuem relação direta com as práticas de lazer, nesta pesquisa debruçamos nosso olhar apenas sobre as aulas de Educação Física, por tratarem de conteúdos diretamente relacionados às práticas corporais, afetos a nossa formação. Porém, compreendemos que as práticas de lazer no tempo livre não se resumem somente às práticas corporais. Dumazedier (1980) classificava as manifestações de lazer pela sua ênfase e na década de 1960/70 identificou cinco interesses nestas práticas: artístico, intelectuais, manuais, físicos e sociais. Já

na década de 1980, autores brasileiros fizeram uma releitura destes interesses acrescentando a eles o interesse turístico e virtual.

No estudo que aqui apresentamos, nosso objetivo foi investigar as relações entre as práticas corporais realizadas nas aulas de Educação Física, pelos adolescentes da Escola Estadual Professor Francisco Alvarez, com as práticas realizadas no tempo livre. Para tal, recorreremos à observação das aulas de Educação Física de uma turma de sexta série e a uma entrevista em grupo focal, com os adolescentes da turma observada, moradores da Vila Holândia.

A ESCOLA E AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A Escola observada localiza-se à beira da “Estrada da Rhodia”, na Vila Holândia, um bairro afastado da zona central da cidade de Campinas e próximo ao distrito de Barão Geraldo. O espaço atual da escola é pequeno: no térreo há duas salas de aula, uma sala em que funciona o depósito da escola, juntamente com a sala de material de educação física, dois banheiros (masculino e feminino), bebedouros, cozinha e em uma única sala com divisórias funciona a secretaria, diretoria, coordenação e sala dos professores. No piso superior há uma biblioteca e mais cinco salas de aula. Na área externa da escola existe um espaço cercado de cimento, que contorna a construção do prédio, neste espaço, que margeia uma das laterais da escola, há duas “amarelinhas” desenhadas no chão e, na entrada, em frente ao pátio coberto, há dois grandes tabuleiros: um de dama/xadrez e outro de Ludo, também desenhados no chão. Ao terminar o cimento, avistamos um espaço de grama na frente e em uma das laterais da construção da Escola. Nesse espaço, há outra construção pequena, que é a casa do zelador, o estacionamento dos carros dos docentes e funcionários, algumas árvores e quatro quiosques. Logo após o prédio da Escola (ao fundo), está a arquibancada, que leva à quadra poliesportiva coberta, cujas laterais e lado oposto à arquibancada são cercados por grama e árvores, seguidos por um alto muro do condomínio residencial vizinho à escola.

Durante nosso período de permanência na escola para a observação das aulas de Educação Física, notamos no tempo de intervalo das aulas (recreio) uma apropriação e uso de alguns dos espaços da escola descritos acima. As crianças mais jovens (do Ensino Fundamental – Ciclo I) se espalham e fazem brincadeiras de corrida e pega em espaços como a lateral de concreto, em que está desenhada a amarelinha, e principalmente entre as árvores, também se reuniam nos quiosques para comer o lanche trazido de casa; já os adolescentes,

preferiam sentar nos bancos da mesa em que comem a merenda, ou nos do quiosques, para conversar. Sobretudo no caso das crianças mais jovens, notamos uma organização para se utilizar dos espaços da escola, comprovamos que, conforme nos escreve Rechia (2006), o recreio é um “espaço/ tempo em que os ideais escolares e a apropriação das escolas pelos alunos encontram-se em descompasso [...] porque, mesmo com uma cultura escolar que conduz a inibição do brincar e do jogar, as crianças ainda encontram formas de fazê-lo” (p. 99).

A princípio, julgamos interessante observar também as aulas de Educação Física das crianças do Ensino Fundamental de Ciclo I (1ª a 4ª série, ou 2º a 5º ano). Mas, fomos informadas pela equipe gestora da escola que no momento o professor de educação física destas turmas quase não comparecia para ministrar aulas e iria entrar de licença. Frente a esta problemática, optamos por observar as aulas de uma turma de 6ª série.

O primeiro contato com o Professor e com a turma observada ocorreu de forma bastante tranquila e amigável. Para a realização das observações foi utilizada a técnica de registro simultâneo das atividades observadas e das reações e organização da turma frente aos comandos do professor. Conforme ficou estabelecido com a gestão da escola e com o professor, não houve intervenção junto aos alunos ou qualquer interferência na aula dada. Foram observadas um total de 9 aulas, durante os meses de agosto à novembro.

Na primeira aula o professor abordou práticas relacionadas ao conteúdo jogo. Iniciou a aula com um pega chamado de “pega buldogue”, no qual o pegador é o “buldogue” e os outros precisam fugir dele, não podendo ultrapassar os limites da marcação da quadra de futsal; em seguida foi proposta a brincadeira de “cabo de guerra” e por fim iniciou o jogo base 4, que os alunos demonstraram gostar e já conhecer.

Na sequência de nossas observações, o professor se concentrou no ensino do esporte coletivo voleibol, inicialmente com algumas práticas em pequenos grupos, com movimentos básicos como passe, recepção, defesa e ataque (saque, passe, manchete e cortada), passando depois para o entendimento do jogo, posicionamento em quadra e compreensão de suas regras e táticas.

Na turma que observamos as aulas havia 35 alunos e em situações de jogo de vôlei e nas aulas em que foram priorizadas práticas em pequenos grupos com a bola de vôlei, o professor teve que lidar com a falta de espaço e de material. Desta forma, ele optou por separar a turma em dois grupos para a realização das práticas.

Na primeira aula em que observamos o conteúdo vôlei (segunda aula observada), o

professor separou a turma em meninos e meninas; primeiro os meninos realizaram o passe e a manchete em trios, depois foram dispostos em fila, do outro lado da rede, para que recepcionassem a bola que o professor arremessava; em seguida foi a vez dos meninos observarem e das meninas realizarem a prática proposta. Enquanto as meninas realizavam as práticas, um dos meninos encontrou uma bola velha, murcha e desfiada, que parecia ter sido estrategicamente escondida pelos alunos nas árvores que cercam a quadra. Aos poucos mais meninos se juntaram e iniciaram um jogo de “três corta” – brincadeira na qual se dá dois passes na bola e no terceiro é feito um movimento semelhante à cortada, com a intenção de acertar a bola em algum colega, que sai da brincadeira caso seja acertado, assim permaneceram até o final da aula.

Notamos nesta aula uma organização das crianças em prol de uma prática, que apesar de ser com a bola de vôlei velha, poderia ser com qualquer bola de plástico simples. A impressão é que um grupo se organizou para realizar uma brincadeira que se relacionava em partes com o que vinha sendo desenvolvido na aula, por utilizar-se do movimento do passe e cortada. Mas, pareceu ser uma prática vivenciada pelos adolescentes além dos muros da escola, que naquele momento foi reinventada com a finalidade de aproveitar o tempo e espaço da aula como forma de brincadeira para se divertir.

É preciso que se reconheça, portanto, que a escola também representa um espaço de criação e/ou invenção, ou ainda (re) invenção de práticas sociais, tendo um significado muito especial para as crianças, pois este é o espaço e o momento em que elas se colocam à disposição de si mesmas, sentindo, vivendo e experimentando seu corpo, através de jogos e brincadeiras, mesmo que muitas vezes tais práticas se tornem proibidas e limitadas. (RECHIA, 2006, p. 98).

A organização em torno de práticas relacionadas ao tema da aula, mas advindas de conhecimentos e experiências prévias por parte dos alunos, tornou-se corriqueira nas aulas que estivemos presentes. Em outra aula observada, havia a presença de alguns alunos do Ensino Médio, que precisavam treinar para um campeonato; como parte do treino, o professor propôs a eles que o ajudassem a trabalhar o posicionamento na quadra durante um jogo de vôlei da turma da sexta série. Novamente a turma foi dividida. Uma parte dos adolescentes, que não estavam jogando, se reuniu em roda e começaram a brincar com a bola de vôlei – valendo passar a bola para os colegas com as mãos e com os pés. Como o professor estava orientando os alunos que seguiam no jogo, àqueles que brincavam na roda com a bola de vôlei aproveitavam para eventualmente chutá-la, sem escutar uma bronca do professor. Passados alguns minutos a brincadeira de passar a bola para o colega na roda de forma

aleatória se transformou na já mencionada “três corta”.

Nas situações observadas no tempo em que os alunos permaneceram fora da quadra, mas em tempo de aula, com práticas relacionadas ao conteúdo abordado, notamos que, de certa forma, se aproveitavam deste tempo para dar novos sentidos às práticas realizadas no contexto da aula, que de conteúdo formal, tornaram-se brincadeiras para esperar a vez.

O que expomos anteriormente nos faz pensar em quanto os professores de educação física tem acesso ao avanço do conhecimento sobre as práticas corporais e utilizado este conhecimento em suas aulas? Ficou evidente, nas nossas observações, que a aula de educação física segue um modelo que há muito tempo permeia a atuação de muitos professores, incentivado as avessas a capacidade criadora e que, muitas vezes, pode cercear o acesso dos alunos a formas mais complexas de práticas corporais e o aprendizado de conteúdos além do esporte coletivo. Assim, as aulas tornarem-se espaços maçantes e desestimuladores da aquisição de conhecimentos e experimentação de práticas corporais. Remetemo-nos mais uma vez a Bracht (2003, p.166):

Se observarmos como a cultura escoltar trata a movimentalidade das crianças, veremos que a ela se destinam tempos e espaços restritos. A movimentalidade – característica marcante da infância (e do humano – grifo nosso) – está autorizada pela cultura escolar a se manifestar no tempo e espaço do recreio (e da Educação Física) e mesmo assim, apenas certos movimentos se adéquam à lógica escolar.

Porém, ao mesmo tempo que nos deparamos com a pouca variação do conteúdo abordado em aula, notamos a organização dos alunos para reinventar suas práticas neste espaço e tempo.

OS ALUNOS E SUAS PRÁTICAS NO TEMPO LIVRE

Para realizarmos a entrevista com as crianças, nossa aproximação se deu aos poucos, a fim de identificar quais eram as crianças moradoras da Vila e que frequentavam a escola. Inicialmente, um dos alunos da turma observada nos apontou 6 moradores, depois, quando fomos entregar as autorizações para que encaminhassem a seus responsáveis, autorizando que participassem da entrevista, o número foi reduzido para 5. Ao recolhermos as autorizações assinadas pelos responsáveis, somente 4 crianças nos entregaram, eram 3 meninas (J, V e P) e 1 menino (F). Como o semestre já estava no fim, as férias se aproximavam e aos poucos os alunos já não estavam mais frequentando as aulas, sentimos a necessidade de realizar a

entrevista somente com os 4, cujos responsáveis haviam autorizado. Por se tratar de menores de idade, utilizaremos somente a primeira letra de seus nomes, para não identificá-los. A entrevista aconteceu com os 4 adolescentes juntos e a medida que expúnhamos as questões sobre as aulas de educação física e suas práticas no tempo livre, os deixávamos falar sobre o assunto.

Durante a entrevista os adolescentes inicialmente disseram brincar na casa uns dos outros, por morarem próximos. A brincadeira dita a princípio foi “toquinhos” com a bola de vôlei. Quando questionados sobre o que aprenderam nas aulas de educação física da escola, relataram as práticas que havíamos observado durante o segundo semestre, como as relacionadas aos movimentos do vôlei, mas não o jogo em si, ao pega buldogue, base 4 e futebol.

V: Ah. A gente aprende vôlei!

J, V, P (juntas): três-corte, queimada, buldogue. [...]

J: Isso. É legal. Teve quatro cantos, quatro bases.

P. Base 6 a gente já brincou também

Entrevistadora 1: Base seis é igual base quatro?

P: É quase igual. Tem futebol também, mas é só para os meninos. Tem a Pn. e a N. que brinca de futebol, mas a gente não gosta não. Eu não gosto.

Entrevistadora 2: Mas nunca brincaram?

[...]

J: Aqui não, eu brinco na casa do meu primo.

Entrevistadora 1: Por que aqui não J.?

J: Os meninos chutam muito forte a bola [...].

Na última fala apresentada notamos que as práticas relacionadas ao futebol e ao vôlei foram apontadas como realizadas em contextos além das aulas de educação física, antes mesmo de serem abordados na escola. Porém, as meninas apresentam certa resistência em praticar o futebol no tempo e espaço da escola, ficou nítida uma concepção de que futebol é principalmente coisa de menino nas aulas de Educação Física, mas em outros momentos, fora da escola, não. Em estudo realizado sobre as relações de gênero na prática docente com professores de Educação Física da Região Metropolitana de Campinas Altmann, Ayoub e Amaral (2011) apontam que os professores não consideram que existam diferenças no interesse pela aula conforme o gênero, mas sim de acordo com a forma como os conteúdos são trabalhados. Entendemos que quando uma das meninas afirma que joga futebol, mas não nas aulas de educação física, porque os meninos chutam a bola muito forte, demonstra que há

um interesse dela pela prática do futebol, porém, o modo como ele é abordado em aula a faz perder o interesse.

Uma das entrevistadas mora nas dependências de um clube com escolinha e campos de futebol, localizado ao lado da Vila, ao final de uma rua de terra que leva a ele. Neste espaço há um salão com churrasqueira, campos de futebol e duas casas; eventualmente este espaço é utilizado para as brincadeiras de pega:

Entrevistadora 1: Vocês brincam junto lá?

V: É. A gente brinca de pega-pega no meio dos carros.

Entrevistadora 1: E de buldogue vocês brincam também ou não?

F: Tem poucas pessoas lá.

V: Tem que ter bastante, tem que ter uns 25, bastante gente.

Apesar de ter em sua prática o pega-pega, quando questionados sobre o “pega buldogue”, que presenciamos na aula e foi citado anteriormente, nos disseram que não o praticam porque o número de pessoas é insuficiente.

Especificamente sobre a prática do voleibol, que foi abordada nas aulas em que observamos, disseram que já jogavam em seu tempo livre, antes de ter aulas na escola. No entanto, acreditamos tratar do jogo com regras estabelecidas entre os próprios participantes, sem priorizar a técnica de execução de seus movimentos, ou a movimentação e posicionamento em quadra.

Entrevistadora 1: Vocês já brincavam de vôlei antes ou começaram a brincar porque começaram a ter na aula?

J: Eu já brincava! [Em seguida outra das moças repete que também já brincava.]

P: Lá onde eu morava eu brincava bastante de vôlei com as meninas.

Entrevistadora 1: Então quando vocês fizeram vôlei aqui na escola vocês já conheciam, já jogavam vôlei antes?

P: Já. Agora lá eu não aprendi buldogue, base quatro, essas coisas eu fui aprender aqui.

J: Eu não gosto de vôlei, mas eu jogo.

Investigamos ainda, quais outras práticas, além do vôlei e futebol, realizavam em seu tempo livre e estavam relacionadas as aulas de educação física. Foram apontadas uma brincadeira com corda mais complexa, novamente o jogo base 4 e gincanas realizadas em

períodos específicos.

J e P: A gente ficou duas semanas brincando de corda.

Eu: Mas, de que jeito pulavam?

P: Dois batia ou senão pulava de dois.

P: Segurava uma bola e jogava pra cima, jogava para o outro.

Porque eram dois que pulavam. O professor batia a corda.

F: Se errar a corda leva a bola assim

Entrevistadora 2: Já tentaram brincar assim em casa?

P: Eu não.

J: Já, mas deu tudo errado [risos] [...]

Entrevistadora 1: Então acontece de vocês brincarem aqui [na escola] e daí chegarem em casa e quererem brincar também?

[...] O que mais além da corda já aconteceu?

B: Quatro base. Base quatro. [...]

J: Teve gincana aqui [...]

Entrevistadora 1: Como era essa gincana, quem fez?

J: A escola.

Entrevistadora 1: O que tinha de prova?

J: Tinha que dar o sapato e misturava o de todos, corrida do saco, equilibrar ovo [todos se empolgam e falam ao mesmo tempo]. [...]

Entrevistadora 1: E a corrida do saco, essa do ovo, já tinham visto em outro lugar, ou viram aqui na escola e fizeram depois?

P: Eu vi na TV. E vi na escola também, Daí, tentei fazer em casa.

Pelas falas dos entrevistados, notamos que existe a experimentação no tempo livre de práticas realizadas em aula, sobretudo as mais complexas.

Outro ponto que nos chamou a atenção é que frequentemente reportam-se às práticas realizadas no espaço privado da casa, do quintal, sob a vista e monitoramento de seus responsáveis.

P: Tem vezes que eu vou lá na J. e a gente brinca, mas minha mãe não gosta que eu vou muito na rua. Tem uns homens lá e minha mãe não gosta. Aí eu vou com a V. [...]

Entrevistadora 1: Então na rua mesmo vocês não brincam?

P: Eu não brinco, ela brinca [aponta para J.].

[...]

J: Eu brinco. Todo hora, à noite, quando é nove, dez horas eu estou brincando na rua.

Entrevistadora 1: Na frente da sua casa?

J: Na frente da casa da minha avó.

Na última fala, notamos que apesar de um dos adolescentes relatar ser permitido a ele brincar na rua em seu tempo livre, a família se preocupa e o quer próximo a seus olhos.

Notamos também ainda preocupação dos adolescentes com atividades domésticas que lhes são delegadas, para ajudar na manutenção da casa no tempo em que não estão na escola.

Entrevistadora 1: De manhã o que costumam fazer?

P: fico fazendo serviço

F: acordo e assito TV.

V: Faço serviço e brinco com o gato e outros bichos, lá onde eu moro é grande.

Entrevistadora 2: A P. faz serviço, a V. faz serviço, ajuda um pouco e depois brinca.

P: É, eu faço serviço e vou para o computador.

A: E a J.?

E: Eu faço serviço e brinco na rua.

Entrevistadora 2: Todo dia você brinca na rua J.?

E: Quando eu quero. Minha mãe tem que levar comida na minha avó e fica olhando a gente jogar, por isso ela deixa.

[...]

Entrevistadora 1: E o F., o que faz de manhã?

F: Eu acordo, ajudo minha mãe, depois jogo videogame.

Entrevistadora 2: E quando vocês voltam da escola?

P: Eu tomo banho, vou jantar, lavo louça, mexo no computador vou dormir.

Entrevistadora 1: E você V.?

V: Quando chego vou brincar com meu gatinho, depois eu tomo banho, faço a janta, assisto novela com minha mãe e vou dormir. Eu faço janta todo dia, porque eu gosto de cozinhar.

Entrevistador 1: E o F., o que você depois da escola?

F: Chego, tomo banho, assisto um pouco de TV., depois jogo um pouco de videogame e depois vou dormir. [...]

Além das tarefas domésticas, realizadas somente pelas meninas entrevistadas nos atentamos ao papel que a televisão e o computador assume nas práticas de tempo livre dos adolescentes entrevistados.

Para famílias de pais e mães de classe média sem condições de pagar outras atividades ou uma pessoa adulta para cuidar de seus filhos, a realidade do cotidiano se apresenta diferente: as crianças e adolescentes muitas vezes ficam sozinhos em casa desde muito cedo, geralmente acompanhados apenas da televisão, do telefone e do computador. (MULLER, MAGER E MORELLI, 2011, p. 95).

Quando questionados a respeito do que fazem especificamente aos finais de semana, as respostas levaram às práticas em espaços privados, como clube e shopping, aulas de pintura, a se organizarem para brincar uns na casa dos outros e para práticas como andar a cavalo.

Entrevistadora 1: E de final de semana, o que vocês fazem?

J: Eu tenho aulas de pintura e vou pra casa do meu avô.

P: Eu limpo a casa de sexta-feira, aí depois tem vez que minha tia vem pra cá e a gente sai, vai pro shopping. É isso.

J: Eu ando de cavalo.

P: Tem vez que eu vou pra casa dela, né V.? Ela é minha prima.

Entrevistadora 1: Joga bola, não é F.?

F: Tem vez que sábado e domingo eu vou pra praia.

[...]

Entrevistadora 1: E quando você não vai pra praia, o que você faz no final de semana?

F: Eu vou pro clube. [...]

V: Também, as vezes um monte de menina e menino brinca de pega-pega lá no campo. Brinca de pega americano.

Nas entrevistas notamos uma organização por parte de três dos quatro adolescentes entrevistados para realizar suas práticas juntos, no espaço do quintal ou na frente da casa. Dois deles disseram ser permitido estar na rua, porém em um dos casos, logo em seguida a adolescente relata que sua mãe fica próxima enquanto ela lá permanece, ou então brinca na frente da casa de sua avó, por isso lhe é permitido.

Ressaltamos a presença da execução de atividades domésticas no tempo em que os adolescentes não estão na escola e o fato de realizarem suas práticas no quintal de sua casa, ou então às vistas de um adulto, por questão de segurança. Para Sarriera (et. al, 2007) a estruturação do tempo é dividida conforme as atividades realizadas e o grau de comprometimento com elas; as atividades geralmente são de sobrevivência, escolarização ou profissionalização, ou de relações sociais; as demais atividades são as relacionadas ao tempo livre, ou seja, no momento em que é possível aproveitar seu tempo sozinho ou em grupo, com sensações de liberdade e ganhos pessoais.

Considerando o entendimento de tempo livre apresentado por Sarriera (et al, 2007), nos perguntamos: qual é o tempo que os adolescentes entrevistados tem de fato como tempo livre? A impressão é que a maior parte do tempo que não estão na escola é desprendido com outras atividades da vida social, ou para a sobrevivência, como tarefas domésticas, visita à parentes ou de parentes e passeios com os familiares. Aos adolescentes, no decorrer da semana, restam poucas horas para o tempo livre e nele realizar as práticas e conteúdos aprendidos nas aulas de Educação Física.

CONSIDERAÇÕES

Apesar de em nossas observações o professor priorizar durante as aulas a prática do conteúdo esporte coletivo, através dos fundamentos e do jogo de vôlei, os adolescentes encontram algumas brechas para vivenciar brincadeiras de seu repertório além da escola, que são adaptadas ao conteúdo abordado em aula enquanto esperam a vez de fazer as práticas propostas pelo professor.

Nas entrevistas, as práticas realizadas nas aulas de Educação Física citadas pelos

adolescentes como as utilizadas em seu tempo livre foram as de pular corda, base quatro e também as vivenciadas em gincanas, intermediadas pelo professor, mas não no tempo e espaço de aula. Foram relatadas ainda práticas relacionadas ao vôlei e futebol, que apesar de terem sido observadas nas aulas, já faziam parte do cotidiano dos adolescentes.

Atentamos para o fato de que o tempo livre das obrigações da escola é despreendido com tarefas domésticas, sobrando pouco tempo de fato livre para os adolescentes usufruírem de modo autônomo e prazeroso. Quando de fato possuem tempo livre, passam com seus amigos que moram próximos, porém no espaço da casa, ou as vistas dos familiares mais velhos, como avós e mãe.

PRATICES MADE IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES AND THEIR USAGE IN FREE TIME

ABSTRACT

We investigated the relationship between bodily practices experienced in physical education classes for teenagers of State School Professor Francisco Alvarez with practices held in their free time for students at a sixth-grade class, residents of the Holanda Village in the city of Campinas (SP). Observations were made of Physical Education classes, with record of the activities proposed by the teacher, and a group interview with the teenagers residents of the Holanda Village. Volleyball lessons were the classes content observed and the physical education classes practices mentioned in the interview were mostly jump rope, "base four", those lived in contests and volleyball they said that already practicing before experienced in class..

KEYWORDS: *leisure; free time; bodily practices; school.*

PRÁCTICAS REALIZADAS EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA Y SUS USOS EN EL TIEMPO LIBRE

RESUMEN

Se investigó la relación entre las prácticas corporales con experiencia en clases de educación física para los adolescentes de la Escuela Profesor Francisco Alvarez, con las prácticas realizadas en el tiempo libre de los estudiantes en una clase de sexto grado, residentes en Villa Holanda - ciudad de Campinas (SP). Se hicieron observaciones de clases de educación física, con el registro de las actividades propuestas por el maestro, y una entrevista de grupo con los adolescentes residentes de Villa Holanda. Observando el contenido de la clase se acercó al voleibol y las prácticas de las clases de educación físicas mencionadas en la entrevista eran en su mayoría saltar la cuerda, "base cuatro", vivió en los concursos y voleibol dijo que ya practicaba antes de experimentarlo en clases.

PALABRAS CLAVES: *ocio; tiempo libre; prácticas corporales; escuela.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, HELENA; AYOUB, ELIANA; AMARAL, SILVIA. *Gênero na Prática Docente em Educação Física*. “Meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, maio – agosto/ 2011.

BRACHT, VALTER. Educação Física Escolar e Lazer. In: WERNECK, Christiane; ISAYAMA, Helder. *Lazer, Recreação e Educação Física*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

DUMAZEDIER, JOFFRE. *Valores e Conteúdos Culturais do Lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

MULLER, Verônica; MAGER, Myriam; MORELLI, Ailton. Crianças do Brasil: percursos históricos para a conquista de direitos. In: MULLER, Verônica (org). *Crianças dos Países de Língua Portuguesa: histórias, culturas e direitos*. Maringá: Eduem, 2011.

RECHIA, SIMONE. *O Jogo do espaço e o Espaço do Jogo em Escolas da Cidade de Curitiba*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 27, n. 2, p. 91-104, jan. 2006.

SARRIERA, J. (et al.). *Uso do Tempo Livre por Adolescentes da Classe Popular*. Revista Psicologia, Reflexão e Crítica, UFRGS, 20 (3) 2007.